



Comportamento

## AS AVENTURAS DAS IRMÃS KLINK

Conheça as meninas que tiveram a sorte de viajar (muito!) para a Antártica

*Por Livia Goro - Edição de André Schröder  
10/07/2015*

As três irmãs dormiam quando o barco em que estavam começou a balançar bem mais que o normal. Elas acordaram, olharam pela janela e viram o céu aberto. Dessa vez não havia tempestade nem mar revolto. Mas o que podia ser? Foi então que Tamara, Laura e Marininha viram baleias jubarte nadando próximas ao barco, batendo vez ou outra contra o casco. Um momento emocionante e inesquecível que o trio de aventureiras viveu em uma das sete viagens que fez para a Antártica, o continente mais frio de todo o planeta!

E se você acha incrível três crianças viajando tantas vezes para um lugar tão remoto, é porque ainda não sabe de quem estamos falando. As gêmeas Tamara e Laura têm hoje 18 anos, e a caçula Marininha tem 15 anos. Elas são filhas de Amyr Klink, um dos mais famosos navegadores do mundo. Em 1984, ele cruzou sozinho o oceano Atlântico em um barco a remo, em uma viagem que durou 100 dias. Quanta coragem! Depois, viajou para a Antártica, para o Ártico e para muitos outros lugares. Quase sempre sozinho, ficando longos períodos longe das meninas e da esposa, a

velejadora e fotógrafa Marina Klink.

Para acabar com a saudade, os membros da família Klink encararam o desafio de viajarem todos juntos. Em 2006, após muito planejamento, eles partiram pela primeira vez. A caçula tinha apenas seis anos, e as gêmeas estavam com nove. Era o começo de uma paixão que segue bem viva.

"Nosso pai sempre falava sobre como era a Antártica. Mas é muito chato ver o seu pai indo e voltando todos os anos. Já tínhamos visto fotos, mas não sabíamos muito bem como era. A gente queria saber o que acontecia, como era a viagem," conta Marininha.

## Preparação, criatividade e companheirismo!

Para fazer um roteiro como esse, longo e repleto de desafios, planejamento é essencial. "Quando vamos de barco, a viagem costuma dar muito trabalho. Para organizar tudo, é preciso de um ano ou até mais", diz Laura. A atenção com a comida é um exemplo: cada viagem dura em média 42 dias, mas a tripulação leva mantimentos suficientes para dois anos. É um estoque de segurança caso ocorra alguma emergência ou a família precise ficar mais tempo no mar.

E como as irmãs se divertem em um lugar onde a temperatura pode chegar a  $-15^{\circ}\text{C}$ ? Como não ficar entediado depois de várias semanas sem TV, telefone e internet? "Nossos amigos achavam legal que a gente tinha ido para a Antártica, mas os pais deles ficavam chocados e achavam que a gente não tinha nada pra fazer. E muitos perguntavam como a gente conseguia ficar um mês sem shopping, sem nada, sem fazer compras... Ninguém entende realmente o que você faz na Antártica até você viver essa experiência. Eu provavelmente perguntaria a mesma coisa", afirma Marininha.

Mas a verdade é que há muitas coisas para se fazer na Antártica, um lugar que poucas pessoas no planeta terão a chance de conhecer tão de perto. Nas viagens, as meninas exploraram o local, conviveram com a natureza e também com os animais. Mas nunca mais perto do que cinco metros! É a distância segura que humanos devem manter das espécies nativas, entre elas os pinguins, para não interferir na vida do animal ou transmitir algum tipo de doença.

Quando não estavam observando animais, elas brincavam de caça ao tesouro com os pais. Ou simplesmente admiravam a paisagem. "A gente ia para lugares bem diferentes. Por incrível que pareça, a Antártica não é toda igual", esclarece Laura. Um dos lugares que Laura mais gosta é uma espécie de cemitério de icebergs, onde estão centenas e centenas deles. Lá, a família costumava passear de bote. E a água era tão clara que dava para ver reflexos da parte submersa dos icebergs. Imagens impressionantes!

E se, na pior das hipóteses, o tempo não estivesse bom para passear por terra ou então para dar voltas de bote, o jeito era inventar algumas brincadeiras! E outra coisa que as irmãs aprenderam — e que é essencial para uma viagem em família —, é a importância de se dar bem com todo mundo e não brigar! Especialmente nesse caso, em que não há vizinhos ou outras pessoas com quem conversar, onde não dá para simplesmente fugir. "No barco a gente aprende muitas coisas. Entre elas, a convivência com quem está junto com a gente. É como dizem: a gente está no mesmo barco



e, no fim das contas, é a companhia que faz a viagem ", conta Laura.

## Sem deixar os estudos de lado

A rotina de Laura, Tamara e Marininha na Antártica também guarda espaço para estudar. Uma das viagens aconteceu durante o período do ano letivo. Isso significou férias fora de época? Nada disso! Todos os professores da escola passaram tarefas para a viagem. E ainda negociaram com os pais: quando as meninas voltassem, elas apresentariam um trabalho sobre o que aprenderam na expedição.

E foi esse trabalho que virou um seminário, que virou uma série de palestras em várias escolas e que depois resultou em um livro chamado "Férias na Antártica". O livro foi escrito pelas irmãs e publicado em 2010 — um sucesso que já está na sua oitava edição.

Mas o que foi possível aprender na Antártica? Além dos passeios e da diversão, elas aprenderam a estabelecer uma relação de respeito com a natureza e com os animais. Respeito que todos deveriam ter, em qualquer lugar do planeta. No livro e nas mais de 140 palestras realizadas em várias escolas do Brasil, as garotas dividem um pouquinho desse aprendizado.

"As viagens me fizeram ter uma outra compreensão do mundo em que vivemos. Nosso pai nos levou para lugares difíceis de chegar, que têm uma diversidade impressionante. E nossa mãe abriu nossos olhos para que enxergássemos essa beleza. Sinto que temos a responsabilidade de levar um pouco dessa compreensão para outras pessoas que não tiveram a mesma experiência. E ficamos felizes quando sabemos que, de certa forma, conseguimos passar esses registros adiante", afirma Tamara.